EAGLETON, Terry. Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Terry Eagleton, professor de Teoria Cultural na Universidade de Manchester, importante estudioso do assim chamado pós-modernismo, além de autor de obras sobre literatura, publicou originalmente seu After Theory em 2003. Sobre o título original e sua tradução é preciso um esclarecimento: a palavra inglesa after não indica apenas "depois", "após", mas ainda "em busca de", "à procura de", e é precisamente este o espírito da obra. As teorias culturais ortodoxas exigem uma superação: depois (after) de nossas teorias contemporâneas, na medida que se tornaram insatisfatórias, é preciso buscar (after) novas teorias.

O primeiro capítulo ("A política da amnésia") inicia devastador: "A idade de ouro da teoria cultural há muito já passou. Os trabalhos pioneiros de Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes e Michel Foucault ficaram várias décadas atrás. [...]. Não muito do que tem sido escrito desde então é comparável à ambição e originalidade desses precursores. Alguns deles foram derrubados. O destino empurrou Roland Barthes para debaixo da caminhonete de uma lavanderia parisiense e vitimou Michel Foucault com a Aids. Despachou Lacan, Williams e Bourdieu e baniu Louis Althusser para um hospital psiquiátrico pelo assassinato de sua esposa. Parecia que Deus não era um estruturalista." (p. 13). A bem da verdade o primeiro capítulo, com uma escrita quase apaixonada, não é lá muito original: devassa o panorama cultural contemporâneo de futilidades, cruéis desigualdades, perda do sentido de tradição e pertencimento. O melhor a ser feito, reflete o autor, é ir vivendo (se temos uma certa mobilidade, e é isto que define a nova burguesia) e esquecer (daí a política da amnésia) dos bilhões de famintos e doentes, de nossas origens (que poderiam nos despertar valores) e de qualquer tipo de engajamento. Não há porque engajar-se, lamenta: é trabalhoso e arriscado.

No capítulo dois ("A ascensão e queda da teoria"), Eagleton faz uma breve história das teorias ou idéias culturais. Ao filósofo intransigente, pode parecer estranho que, além de classificar os reconhecidamente filósofos de teóricos da cultura, o autor não abra mão da célebre tese segundo a qual todo pensamento é pensamento de um contexto histórico e fruto dele, mesmo as "teorias mais rarefeitas" (p. 43), referindo-se inicialmente a Schleiermacher e depois a Platão. O valor do capítulo reside em suas reflexões sobre a ampliação do conceito de cultura, em particular no século XX. O anti-valor do capítulo está no estilo demasiadamente saudosista do autor, em relação aos anos 50 e 60 quando a esquerda política, hoje desaparecida, "desfrutava de proeminência" (p. 44). A despeito das intermináveis discussões sobre a imparcialidade de um pensador, Eagleton não se esforça, em nenhum momento, para ocultar ou minimizar sua adesão radical pelo marxismo. Pessimista, o autor se vale da literatura inglesa do século XX para exemplificar a desorientação cultural dos literatos, desorientação que serve como um dos fios condutores do capítulo, e a abertura de portas para os "despolitizados" dos anos 80 e 90 [...]." (p. 65). Brinca, entristecido: "[...] estudantes de engenharia química, em geral, saem mais facilmente da cama do que estudantes de arte e de inglês." (p. 64). É o fim do valor e o império do preço. Artistas não apenas se ocupam com valores, mas não tem espaço (trabalho) na sociedade dos anos 90, e assim não precisam saber o preço de nada.

O pós-modernismo é, especificamente, o tema do capítulo três. O autor procura demonstrar como a contracultura dos anos 60 e 70 geraram o pós-modernismo dos anos 80 e 90 e, especialmente, de que modo o marxismo tornou-se irrelevante no atual contexto. O raciocínio pode não ser válido, mas é interessante. Romper com a cultura na década de 60 e setenta, necessário ou não, foi um péssimo acontecimento na medida que não pôde oferecer novas "possibilidades" culturais, instaurou-se o vazio e por isso observou-se facilmente três conseqüências: 1. a indústria da cultura tornou-se um grande negócio (porque qualquer cultura é melhor que nenhuma); 2. a exploração e a humilhação puderam ser praticados e aceitos; 3. o marxismo perdeu sua capacidade explicativa e transformadora, pois não havia uma matéria-prima a ser transformada: a cultura era (é) amorfa! Imprimir uma forma parece não ser compromisso do marxismo; os movimentos de contracultura queriam exatamente a destruição das "formas" culturais. É óbvio que Eagleton em uma espécie de "malabaris- mo" intelectual, ouso dizer, salva o marxismo a qual- quer preço, mostrando que neste contexto mesmo os não-marxistas o eram! Mais do que em qualquer ou- tro momento da obra, Eagleton é... "dramático": "A cultura só parece à deriva por uma vez termos pensado que estávamos presos com arrebites a algo sólido, como Deus, a Natureza ou a Razão. Mas isso era uma ilusão. Não é que tenha sido verdade uma vez e agora não o seja, mas sim que era falso o tempo todo. Somos como alguém cruzando uma ponte alta e, de

repente, sendo tomado de pânico por se dar conta de que há um abismo de trezentos metros abaixo. É como se o piso sob seus pés não fosse mais sólido. Mas, de fato, não é mesmo." (p. 89). Aqui o autor esboça aquela que será sua grande tese: uma nova teoria cultural não nos remeterá ao passado, não explicará o presente, não prometerá um futuro, mas narrará como chegamos a ser o que somos, noutros termos, compreenderá as grandes narrativas às quais estamos enredados. (p. 108).

"Perdas e ganhos" é o título do capítulo quatro. Eagleton ocupa-se, agora, de fazer, em seus termos, um balanço da teoria cultural. Em síntese, a teoria cultural perdeu por não ter dado suficiente atenção à questões como o mal, a objetividade, o sofrimento, a morte, a verdade, a metafísica, etc. Ganhou, especialmente, por nos permitir compreender que não há uma única forma de interpretar uma obra de arte. Perdas e ganhos são melhor entendidas se analisarmos o problema da linguagem, da oposição entre o concreto e o abstrato, e este foi o mote do capítulo.

Pois são precisamente a verdade, a virtude e a objetividade os objetos de estudo (e o título) do capítulo cinco. O autor começa justificando-se: "Nenhuma idéia é tão impopular na teoria cultural contemporânea como a de verdade absoluta. [...]. Comecemos, então, buscando defender essa noção notavelmente modesta e eminentemente razoável. [...]. Em círculos pós-modernos menos sofisticados, sustentar uma posição com convicção é visto como desagradavelmente autoritário, enquanto ser difuso, cético e ambíguo é, de algum modo, democrático." (p. 147). Essa é uma das inutilidades da pós-modernidade. O democrata convicto não passaria de um autoritário e estriamos num círculo vicioso fútil e ridículo. O autor, perspicazmente, vale-se do velho princípio aristotélico de não contradição para sustentar que há alguma verdade. Se não há verdades absolutas, isso é irrelevante. Aliás, só falamos em "verdade absoluta" para nos contrapor aos "relativistas absolutos". Se digo que estou na cidade do Rio de janeiro, não posso dizer que estou, simultaneamente, na cidade de São Paulo, posto que são duas cidades diferentes. Então, se estou no Rio de Janeiro, é (absolutamente) verdade que estou no Rio de Janeiro. Defensores da verdade não são, necessariamente, dogmáticos e autoritários. Sobre a objetividade, o autor é, como o é com freqüência, bem humorado: "Esta é a situação invejável dos sapos, que sabem, por instinto, como fazer o que é melhor para sapos fazerem. [...]. Ser um sapo bom e não um sapo mau é viver uma gratificante vida de sapo." (p. 155). Pela piada o leitor já prevê que neste campo o autor pisará em ovos. É isso mesmo: defenderá uma "natureza humana" e ponto. Atreve-se: "[...] nossa intuição nos diz que seres humanos foram feitos para algo mais do que cometer assassinatos e mastigar batatas fritas." (p. 159). Neste capítulo, a forma como o autor se rende a Aristóteles é impressionante, daí a questão das virtudes para que a vida humana seja digna de ser vivida.

Capítulo seis: "Moralidade". Mais um assunto desgostoso dos teóricos da cultura. Eagleton mostra os equívocos dos a-moralistas e faz a sua proposta, uma vez mais na perspectiva das éticas clássicas, com algumas modernizações, evidentemente, e com a introdução do valor "cooperação", que o autor empresta dos socialistas. Neste capítulo, em particular, se pode acusar Eagleton de ter deixado muito a desejar.

Terry Eagleton aborda os problemas da revolução, dos fundamentos e dos fundamentalistas no capítulo sete. Inspirado pelos tantos ataques terroristas de "cunho fundamentalista religioso" do início do século XXI, e com boas referências a eles, Eagleton desenvolve um raciocínio genial mostrando que mesmo os textos sagrados são mais fonte de reflexão política do que ação (terrorista) religiosa. No limiar, os textos sagrados falam de justiça, e de uma justiça pacífica. Não é exagero ouvirmos, uma vez mais, o autor: "[...]. O fundamentalismo é uma espécie de necrofilia, apaixonado pela letra morta de um texto. Trata as palavras como se fossem tão pesadas e inquebráveis como um castiçal de bronze. Mas faz isso por querer congelar certos significados por toda a eternidade – e o significado em si não é material. Assim, a situação ideal para o fundamentalista seria

ter significados, mas não linguagem escrita – pois toda escrita é perecível, corpórea e facilmente contaminada. É um veículo inferior para verdades tão sacrossantas." (p. 277). Por isso o fundamentalismo religioso é paradoxal e insano. Preso a palavras, que não representam puramente uma idéia, o fundamentalismo ataca com base na palavra que pode ser reescrita, relida, re-interpretada. Seria mais salutar, e.g., tomar o texto de Isaías e ouvir o brado de Javé: "tenho horror a incenso"; ouvir os conselhos de Javé: "buscar a justiça, corrigir a opressão, defender os órfãos, suplicar pelas viúvas". (p.237)

O último e inspirado capítulo oito, o mais filosófico da obra, pode ser resumido em poucas palavras (ou seu sentido será perdido): lembremo-nos sempre e aceitemos a nossa mortalidade, nossa transitoriedade, e aí teremos novos olhos, nova teoria, nova e autêntica vida. "Não vale a pena cansarmo-nos", diria Fernando Pessoa (heterônimo Ricardo Reis).

Terry Eagleton e seu Depois da teoria deve ser lido por todos os que de alguma forma estão envolvidos com as ciências humanas. O problema está na no estilo (não raro provocativo, às vezes amargo), na linguagem (muitas vezes coloquial), na falta de rigor do autor. É claro que há idéias e argumentações fantásticas, mas a polêmica (com o autor, com nossas próprias idéias) será inevitável.

Professor Fabiano Stein COVAL
Faculdade de Filosofia